

## CAPÍTULO VIII – Historiografia da tradução de *For whom the bell tolls*, de Ernest Hemingway, no Brasil

Tais Diniz Martins

As décadas de 1930 e 1940 são consideradas especialmente frutíferas no que diz respeito à proliferação de obras traduzidas para a língua portuguesa, tendo parte desse período sido apontado como a “Idade do Ouro da tradução”<sup>395</sup>. Uma das figuras de vital importância no fazer tradutório e na historiografia da tradução no Brasil é Monteiro Lobato, que atuou de diversas formas, tendo estado praticamente durante toda sua vida profissional envolvido nessas atividades.

Lobato parece ser um dos poucos, senão o único, protagonista da literatura brasileira que atuou efetivamente em todos os campos literários. Desempenhou os papéis de autor de vasta obra ficcional; editor pioneiro que modernizou a forma de fazer, distribuir e vender livros, e do tradutor que disponibilizou acesso ao público brasileiro a obras consideradas, à época, as mais importantes da literatura mundial.

Sua atividade intelectual pode ser considerada precursora e controversa, conforme sugere John Milton<sup>396</sup> quando afirma que Lobato parece não seguir as convenções do *habitus bourdieusiano* dos intelectuais brasileiros. Essa visão de Lobato, como sendo um autor que se afastou dos padrões da época, também aparece na *Introdução* do ensaio *Traduções*<sup>397</sup>, texto que afirma que foi Monteiro Lobato quem rompeu com o preconceito de que “não ficava bem” a um escritor traduzir, e que uma vez tendo ele dado o exemplo, outros escritores também abraçaram esse ramo de atividade.

---

<sup>395</sup> Wyler *apud* Milton & Martins, 2010.

<sup>396</sup> Milton, 2019, p. 28.

<sup>397</sup> Lobato, 1955, p. 125-130.

Enquanto tradutor, sua prática percorreu vários caminhos possíveis e passíveis de análise. À medida que criava um estilo próprio e peculiar em sua prática<sup>398</sup>, Lobato traduziu, adaptou, revisou e retraduziu, dilatando e amalgamando os conceitos que conhecemos acerca dos processos tradutórios, cujas fronteiras são difusas, conforme afirma Martinez<sup>399</sup>. Segundo Milton<sup>400</sup>, Lobato traduziu muito e se orgulhava da sua produção. Fato esse que suscitou dúvidas sobre seus métodos tradutórios e até mesmo em relação à autoria, sendo difícil avaliar e categorizar qual papel assumiu em cada obra que leva sua assinatura. A rapidez com que concluía suas traduções também foi motivo de dúvidas sobre a possibilidade de alguém traduzir tanto e em tão pouco tempo.

Na coluna “Ceg’a Reg’a”, de *A Cigarra*, em resposta a uma carta enviada à redação questionando os valores recebidos pelos escritores e tradutores, o colunista afirma que Monteiro Lobato, além de ser um autor fértil, traduziria uma média de três livros por mês. Nelson Palma Travassos<sup>401</sup> relata em seu livro *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos* ser constantemente questionado acerca da veracidade das informações sobre as traduções em geral, e especialmente sobre as de Lobato. Como resposta, Travassos pondera que, se Lobato escreveu pouco para os adultos e muito para as crianças, traduziu colossalmente, além de destacar o fato de que seu nome valorizava muito as traduções. Em contrapartida, também é possível encontrarmos registros que depõem contra as atividades tradutórias de Lobato. Silveira Bueno<sup>402</sup> foi um notório desafeto do escritor taubateano, publicando uma série de artigos na *Folha da Manhã*, proferindo ofensas e acusações sobre sua conduta profissional

---

<sup>398</sup> Para mais detalhes sobre o estilo de Monteiro Lobato enquanto tradutor e adaptador, ver Milton, 2019.

<sup>399</sup> Martinez, 2003, p. 01.

<sup>400</sup> Milton, 2019, p. 28.

<sup>401</sup> Travassos, 1974, p. 229.

<sup>402</sup> Silveira Bueno foi o autor da primeira tradução de *My life and work*, a biografia de Henry Ford, em 1925. Lobato traduziria, posteriormente, a mesma obra, sendo esse o motivo da desavença.

e moral. Em seu livro de memórias<sup>403</sup>, dedica um capítulo inteiro, expondo sua experiência pessoal com o então dono da Editora Monteiro Lobato. Bueno afirma que Lobato, além de não saber sequer uma palavra em inglês, também assinava os trabalhos feitos por outros tradutores sem ao menos lê-los, motivo pelo qual estariam repletos de erros crassos. Encontramos também depoimentos de cronistas da época que relatam um episódio pitoresco ocorrido entre Lobato e Agrippino Grieco. Fernando Jorge cita na biografia de Paulo Setúbal que:

Certa vez, segundo nos informou Bruno Di Tolla, chefe das oficinas da “Revista dos Tribunais”, o escritor Monteiro Lobato encontrou-se com o crítico Agrippino Grieco e perguntou a este: — Você, porventura, já leu a minha última tradução? Resposta do Agrippino: — Eu não. E você, já a leu? Bruno Di Tolla contou ao Paulo Setúbal este episódio e o romancista deu grandes gargalhadas.<sup>404</sup>

Ainda referente a Lobato, Grieco registra no artigo “Um prefácio e um romance”, publicado em *O Jornal* em 1943, sua opinião sobre as atividades do autor e tradutor taubateano:

Monteiro Lobato, prefaciando o romance “Éramos Seis”, da sra. Leandro Dupré, elogia a simplicidade. Muito bem! Nada, com efeito, que a rara, a raríssima simplicidade. Lobato sabe o quanto o admiro. Não tanto como tradutor. Ele traduz demais para quem possa traduzir sempre bem. Mas em função de autor original, muitas vezes originalíssimo. Mortos Graça Aranha e Humberto de Campos, deve ser ele o maior dos nossos prosadores.<sup>405</sup>

Esses exemplos demonstram a divergência de opiniões em relação às atividades de Lobato, e as polêmicas em que esteve envolvido. Porém, os depoimentos, os textos registrados pelos jornais e periódicos e a opinião dos cronistas e críticos literários da época não

---

<sup>403</sup> Bueno, 1996, p. 133.

<sup>404</sup> Jorge, 2008, p. 302-303.

<sup>405</sup> Grieco, 1943, p. 4.

tornam menos difíceis os desafios da investigação acerca da obra tradutória lobatiana. Um dos pontos mais sensíveis é encontrarmos como principais fontes de referências, informações registradas pelo próprio Lobato sobre si mesmo, através da correspondência compilada nos livros *A barca de Gleyre* e *Cartas escolhidas*, entre outros volumes de sua obra epistolográfica.

*A barca de Gleyre* é um volume especialmente delicado, pois se trata de uma obra onde o autor reconhece que editou o conteúdo das cartas originais. Isso dá margem a questionar o que foi cortado, o que foi acrescentado e os porquês. Além disso, as cartas precisam ser interpretadas dentro do contexto em que foram escritas, buscando todos os recursos possíveis, a fim de conseguirmos abstrair delas as informações mais verossímeis.

## 1. Lobato tradutor de Hemingway

O período aqui analisado está compreendido, mais especificamente, entre 1939 e 1942. Segundo pesquisa disponível no *blog* de Denise Bottmann, podemos contar o total de 21 obras traduzidas por Monteiro Lobato nesse decurso, excluindo-se as obras sem data de publicação indicada.

Entre as obras traduzidas, em 1941, encontram-se *For whom the bell tolls*, de Ernest Hemingway (1940) e *Kim*, de Rudyard Kipling (1901). Nesse período, Lobato esteve encarcerado na Casa de Detenção de São Paulo – a partir do dia 20 de março de 1941, cumpriria três meses do total de seis meses aos quais foi sentenciado por delito contra a segurança nacional.

Em carta, datada de 17 de setembro de 1941, inserida em *A barca de Gleyre*, Lobato relata a Godofredo Rangel, que estava trabalhando nas duas obras mencionadas, sob encomenda da Companhia Editora Nacional. A carta cita particularidades dos textos, incluindo comentários sobre os erros nas traduções, fato que a torna um documento com informações específicas sobre o conteúdo dos textos que Lobato tinha em mãos. Analisando a carta de Lobato é possível inferir que, em *Kim*, ele retraduzia uma primeira versão

publicada no Brasil pela mesma editora, conforme podemos observar abaixo:

Tenho agora diante de mim uma obra sobre Lincoln e ontem acabei a revisão do **meu Kim**. Leia-o Rangel. Depois do *Livro da Jangal*, é a melhor coisa de Kipling. A **primeira tradução do Kim, lançada pela Editora era uma neblina**. A gente lia e entendia vagamente. Otales encomendou-me **outra**.<sup>406</sup>

Em outro trecho, Lobato aprofunda os comentários acerca do texto, apontando os erros que encontrou:

Na primeira tradução do Kim, também encontrei uma boa **perola agripinesca**. No original está: “**We who go down to the burning-gaths clutch at the hands of those coming up from the River of Life**, etc”. E na tradução vem: “Nós que vamos descendo para o **campo do carnicheiro**, etc”. Essa tradução de *burning-gaths*, ou fogueiras onde na Índia queimam os mortos, por “campo do carnicheiro”, deixou-me profundamente intrigado. Eu estava na prisão, cumprindo sentença, e matava o tempo com a nova tradução do *Kim*. Pus os olhos nas grades e fiquei a matutar naquele quebracabeças. De que modo **fogueira de cremar defunto** pôde virar “campo do carnicheiro”? Por fim descobri. Na tradução francesa do *Kim* **deve estar bucher**, fogueira, palavra que muito se aproxima de *boucher*, carneiro. **O tradutor, que evidentemente traduzia do francês e não do inglês**, confundiu as duas palavras e pôs “carniceiro” em vez de “fogueira”. Mas achando exquisito aquela “procissão rumo ao carnicheiro”, inventou o “campo” e botou “campo do carnicheiro...”<sup>407</sup>

Já em *For whom the bell tolls*, Lobato não revela maiores informações a respeito da origem do texto que tem em mãos, porém também deixa suas observações acerca dos erros encontrados:

---

<sup>406</sup> Lobato, 1950, t. II, p. 334, destaques nossos.

<sup>407</sup> Lobato, 1950, t. II, p. 334-335 destaques nossos.

E meu último trabalho – ou “trabalheira” – foi **retraduzir uma tradução** do tremendo *For Whom the Bell Tolls*, do Hemingway. Encontrei “perolas” do Agripino nessa tradução, e das mais preciosas. Esta, por exemplo: — “*What’s this?*” pergunta lá um cabra quando Jordan tira do bolso a frasqueira de absinto. E Jordan responde: “*That is the real absinthe. That is wormwood*”. *Wormwood* é o nome inglês da nossa velha losna, o ingrediente do absinto; mas como se trata de uma palavra composta — *worm*, verme; e *wood*, pau, madeira — lá o tradutor tomou a pobre losna como “bicho de pau podre” e verteu assim: “Isto é o absinto, uma bebida feita de bicho de pau podre”. E acrescentou: “No verdadeiro absinto ha verme de pau, cupim...”<sup>408</sup>

Ainda no mesmo documento, podemos encontrar referências de Lobato a erros que ele mesmo cometera no processo de tradução de outra obra:

O Agripino coleciona destas “perolas”, e se recorresse a mim eu lhe forneceria colares maravilhosos. Tenho uma coleção que vale ouro. Eu também solto de vez em quando a minha perolazinha. Na *Historia da Literatura* traduzi *The Village Blacksmith*, O Ferreiro da Aldeia, por Aldeia de *Blacksmith* — e mais que depressa o Agripino com aquele seu bico de ave, nhoc! Fisgou-me a perola e lá a pôs na sua coleção.

O conteúdo dessa carta é uma das principais fontes utilizadas para obtermos informações referentes ao percurso editorial das traduções de *Kim* e de *For whom the bell tolls*. Em *Kim*, o motivo apontado para justificar a retradução do texto foi a readequação da linguagem, que na opinião de Lobato parecia pouco inteligível. Ao apontar o possível motivo do erro cometido pelo primeiro tradutor, Lobato aventa a possibilidade de a obra ter sido traduzida diretamente do francês. Já em *For whom the bell tolls*, Lobato aparentemente não trabalhou com um texto anteriormente publicado, apenas relata se tratar de uma retradução de uma tradução concluída.

---

<sup>408</sup> Lobato, 1950, t. II, p. 334, destaques nossos.

Em posse da informação fornecida por Lobato, de que já havia uma tradução publicada de *Kim*, pareceu-nos pertinente realizar uma investigação mais aprofundada sobre o percurso dessa obra. Durante o processo de pesquisa foi possível constatar fontes divergentes de informações sobre a gênese da tradução de *Kim*. Lia Wyler, em seu artigo “Um modo de traduzir brasileiro?” afirma:

Monteiro Lobato, por exemplo, confessa a Godofredo Rangel em *A Barca de Gleyre*, que passou meia hora contemplando as barras da cela em que estava preso, tentando descobrir como Agripino Grieco podia ter confundido “pira funerária” com “carniceiro” em sua tradução de um livro de Rudyard Kipling. Gastou esse tempo para se vingar da mania que tinha Grieco de pinçar erros nas traduções dos outros.<sup>409</sup>

Posteriormente, Célia Luiza Andrade Prado, em sua tese *A tradução na Era Vargas de 1930 a 1940: O Tarzan brasileiro de Manuel Bandeira, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*, registra:

Pela sua diligência, Lobato é incumbido, principalmente por Octalles Marcondes Ferreira, também de revisões e de retraduições de várias obras, como *Kim*, de Kipling e *For whom the bell tolls*, de Hemingway, ambos com uma tradução anterior realizada por Agrippino Grieco. Lobato depreciou o trabalho de Grieco apontando em carta a Rangel o que ele chama ironicamente de “pérolas do Agripino”. Parecia que Lobato queria dar o troco ao crítico literário.<sup>410</sup>

Pedro Albeirice da Rocha, por sua vez, em seu artigo *Mowgli, Kim e outros: as traduções kiplingianas de Lobato*, aponta outros indícios a respeito da autoria da primeira tradução da obra de Kipling no Brasil:

---

<sup>409</sup> Wyler, 1999, p. 272.

<sup>410</sup> Prado, 2015, p. 123.

A primeira edição da obra pela Companhia Editora Nacional, a despeito da paixão de Monteiro Lobato pelo original, não fora, como se viu, por ele traduzida. Essa tradução, realizada através do francês, não agradava a Lobato, mas ele evitou por sete anos revisá-la. Dentre os motivos para tal, é possível colocar como possibilidade o fato de Batista Pereira ter sido, além de membro da Academia Brasileira de Letras, anfitrião e cicerone de Kipling no Brasil. Além disso, Pereira privava da amizade do escritor inglês. Entretanto, uma vez na prisão, em 1941, Lobato julgou que era hora de tentar a revisão do original, optando, em seguida, por retraduzi-lo.<sup>411</sup>

Lauro Maia Amorim, em seu artigo *Os lugares discursivos do tradutor e do adaptador e os meandros da visibilidade*, também registra Antônio Baptista Pereira como o tradutor da primeira versão brasileira:

Kim foi originalmente publicado em 1901. A primeira tradução da obra no Brasil é de 1934, realizada por Antonio Batista Pereira e editada pela Editora Companhia Nacional. Lobato realizou a segunda tradução da obra, publicada em 1945 e apresentada como 3ª. edição pela mesma editora, não utilizada nas análises deste trabalho.<sup>412</sup>

Diante de versões tão distintas para a historiografia da tradução dessa obra, percebemos a necessidade de averiguar as informações referenciadas por Lobato em sua carta, e pelos estudos apresentados acima.

As pesquisas de Rocha e Amorim, ainda que não tenham sido baseadas no acesso direto à edição de 1934, forneceram elementos para iniciar a busca do referido exemplar. A edição de *Kim* que tem como tradutor Baptista Pereira, pela Companhia Editora Nacional constitui exemplar raro. A tradução de Baptista Pereira não fora objeto de estudo até o presente momento. A descoberta deste exemplar dá concretude às afirmações de Rocha e Amorim e viabiliza novos

---

<sup>411</sup> Rocha, 2017, s.p.

<sup>412</sup> Amorim, 2015, p. 23.



estudos, já em andamento. Abaixo, observamos os excertos do trecho da tradução de Baptista Pereira, que contém o erro mencionado por Lobato, e o trecho correspondente do texto em francês traduzido por Louis Fabulet e Fountaine Walker:

— Eu é que sou a mulher de máo olhado, choramingou a velha, arrependida. Nós outras que descemos aos *chattris* (os grandes parasóes que se elevam acima dos **campos dos carniceiros** onde os padres cobram os seus últimos direitos), nós que grudamos aos portadores de *chattis* (jarras dagua — ella queria referir-se aos moços cheios de orgulho da vida; mas o trocadilho era mal feito). Quando a gente não pode dançar na festa, contenta-se em olhar. O papel da avó absorve todo o tempo de uma mulher.<sup>413</sup>

— Je sais — je sais. Qui le sait mieux que moi? Caquetait la vieille. Nous autres qui descendons **champ des bûchers**, nous nous agrippons aux mains de ceux qui remontent de la Rivière de Vie avec de pleines jarres d'eau — oui, des jarres d'eau débordantes. Je me suis montrée injuste envers cet enfant. Il t'a prêté sa force. C'est vrai que les vieux se font des jeunes leur nourriture quotidienne. Il ne nous reste maintenant qu'à le rétablir.<sup>414</sup>

A aproximação da tradução de Baptista Pereira com o texto em francês nos permite encontrar plausibilidade quanto as suposições de Lobato, sobre a origem do termo traduzido equivocadamente. Tais comparações, acerca das imprecisões apontadas por Lobato na tradução de *For whom the bell tolls*, não são possíveis, já que até o presente momento não temos acesso ao texto da tradução que Lobato teria retraduzido.

Uma vez constatada a procedência da tradução de Kipling a qual Lobato se referia, e descartado Agrippino Grieco como tradutor, passamos à investigação da tradução da obra de Hemingway.

---

<sup>413</sup> Excerto de *Kim* na tradução de Baptista Pereira (1934, p. 374).

<sup>414</sup> Excerto de *Kim* da publicação francesa editada pela *Mercurie de France* (1913, p. 367-368).

Até o presente momento, não foi encontrado nenhum registro bibliográfico ou historiográfico que associe Agrippino Grieco à tradução de *For whom the bell tolls*, porém encontramos registros atribuindo-a à figura de outro tradutor. Todavia se faz necessário elucidar o possível argumento para que a hipótese de Grieco como tradutor tenha sido considerada.

Agrippino Grieco foi um escritor, editor, tradutor e crítico literário muito ativo. Irreverente e controverso, despertou os mais diversos tipos de reações no público, que acompanhava seus artigos nos jornais, e nos escritores, alvos constantes de sua ácida crítica. Tristão de Athayde, cronista da coluna “Vida Literária”, em 1922, descreveu o temperamento de Grieco:

O senhor Agrippino Grieco não é um simples demolidor. Livre, sarcástico ferino, não lhe attrae a simples tarefa de derrubar ídolos. É natural que muita paixão e muita injustiça se insinue por estas páginas vibrantes e cheias de cor. Mas é um satírico, e portanto, um moralista para quem o problema do bem e do mal é o problema por excellência. Não vê os homens com piedade mas com indignação. Dotado de bastante leitura talvez um pouco atropelada, revelando uma intelligencia viva e trepidante, é um temperamento em arestas vivas, não procura atenuar as flechas que lança. Extremado, arreatado, sem reticencias, vae ferindo a torto e a direito não cegamente, mas sem comiserção.<sup>415</sup>

A relação de Lobato com Grieco era tão amistosa quanto permite ser a relação entre dois homens com traços de personalidade e temperamento fortes. O diálogo entre os dois, citado anteriormente, demonstra o limite sutil entre o respeito e a sarcástica cordialidade, que era mútua. Em sua obra crítica, Grieco várias vezes faz menção a Lobato de forma respeitosa, assim como Lobato frequentemente externava sua admiração pelo escritor<sup>416</sup>.

<sup>415</sup> *O Jornal*, 17 set. 1922, capa.

<sup>416</sup> Na orelha do livro *Gralbas & Pavões*, encontramos: “Ser legível — ser transitável, que maravilha! E quem nessa nossa terra, cada vez mais chata com a vitória ininterrupta do Conselheiro Legião, se mantém mais alto, mais

A ambiguidade das informações que atribuem a Grieco a tradução do texto de Hemingway parece ter origem na forma como Lobato o cita na carta de *A barca de Gleyre*. Lobato diz que encontrou várias “perolas” de Agrippino, motivo pelo qual é possível a interpretação de que tivesse sido ele mesmo quem tivesse cunhado tais pérolas. Este era um hábito pelo qual o cronista era conhecido: compilar gafes e erros dos escritores da época, e apontá-los nos volumes de sua obra literária e jornalística.

Levantamos a possibilidade de que o termo “perolas” tenha sido citado em alusão a um livro que Agrippino Grieco publicara em 1937. A obra sob o título *Perolas...* é composta por vários comentários de Grieco a respeito dos mais diversos assuntos, inclusive erros nas traduções. Há dois artigos sobre Lobato nesse livro. No primeiro, inicia a crítica que discorre acerca da tradução de *Historia da Literatura Mundial*, de John Macy, onde o cronista analisa as escolhas do tradutor e, a apesar de Grieco não poupar seus objetos de crítica da sua acidez habitual, mantém um tom respeitoso e ameno em relação a Lobato:

Pesa-me enormemente ter de escrever um artigo desfavorável a uma tradução do sr. Monteiro Lobato. Preciso fazer um grande esforço para trabalhar contra elle. O autor dos “Urupês” é uma das predilecções do meu espírito. Não me sacio nunca de reler-lhe os contos, esses bellos contos só comparáveis, na actual literatura sul-americana, às admiráveis narrações regionaes do argentino Benito Lynch.<sup>417</sup>

Ainda no mesmo texto, encontramos o excerto em que Grieco menciona o comentário que Lobato fez em sua carta a Rangel sobre a “pérola que soltou” e Agrippino “agarrou com o bico”:

---

esfrangalhador de burrices, senão você, meu maravilhoso e sempre gozosamente lido Agrippino? Bendito seja o Grande Vingador... MONTEIRO LOBATO” (Grieco, 1988).

<sup>417</sup> Grieco, 1937, p. 183.

“The village Blacksmith”, de Longfellow encontra exacta correspondência portuguesa em “O ferreiro da aldeia”. Pois o interprete do sr. Macy preferiu: “Aldeia de Blacksmith”. O macaco da fábula convertia o porto Pireu num homem. Aqui o nosso polyglotta, honrando demais o operario que manobra no folle e malha no ferro enquanto quente, transforma-o logo em aldeia.<sup>418</sup>

O segundo artigo trata ainda da referida tradução, mas assume um tom sarcástico, e aqui talvez tenhamos a mais clara referência à intertextualidade que permeia os dois textos: a carta de Lobato (1941) e o artigo de Grieco (1937):

Ah! perolas, perolas! Encontro-as às mãos cheias nesta tradução da “Historia da Literatura Mundial”, de John Macy, e uma dellas exactamente é quando, no portuguez do sr. Monteiro Lobato, se comparam os ensaios de Emerson às “gemmas” de um collar de perolas. Mas já foi evidenciado que a concreção calcarea de ostra não pode ser chamada de “gemma”. E este último vocabulo só se applica às pedras preciosas e o producto daquelle mollusco nada tem a ver com os brilhantes, os rubis, as esmeraldas...<sup>419</sup>

O Monteiro Lobato de 1941 parece dialogar com o Agrippino Grieco de 1937, em cujo texto ironizava o termo “perolas”, dando sentido pleno ao que Lobato entoa em seu comentário na carta.

Outra observação pertinente é o fato de não encontrarmos registros de comentários de Grieco em suas crônicas sobre esta carta e especialmente em relação à citação de seu nome de forma “depreciativa” por Lobato, apontando seus presumidos erros. O silêncio eloquente de Grieco não condiz com a postura do crítico mordaz que não poupava palavras para se expressar, fato que também corrobora a hipótese de que Lobato, ao se referir a Agrippino, fazia uma referência ao teor das suas críticas em geral.

Tais fatos tornam possível inferirmos que os comentários de Lobato apenas mencionam o hábito do autor de colecionar e tornar

---

<sup>418</sup> Grieco, 1937, p. 187.

<sup>419</sup> Grieco, 1937, p. 190.

público os erros nas traduções, sendo os textos que ele tinha em mãos campo fértil para a crítica do ferino cronista. A atribuição da autoria a Grieco a partir das colocações de Lobato em sua carta não é plausível, se considerarmos o contexto envolvido.

Retomando a análise do conteúdo da correspondência, não encontramos nenhuma afirmação ou indicação contundente de Lobato quanto a Agrippino Grieco ser o autor das traduções em questão e, uma vez excluída tal possibilidade, partimos em busca de outros indícios, deparando-nos com a figura de Francisca Cordeiro como a possível tradutora do texto que Lobato revisou em 1941. A cronologia dos acontecimentos parece corroborar essa hipótese, bem como os registros encontrados relativos ao seu envolvimento na tradução de Hemingway.

## 2. Francisca Cordeiro, Margaret Mitchell e Ernest Hemingway

No livro *Ensaístas Brasileiras*, de Heloísa Buarque de Hollanda e Lucia Nascimento Araújo, encontramos o seguinte verbete:

FRANCISCA (CAROLINA SMITH DE VASCONCELOS) DE BASTO CORDEIRO. Rio de Janeiro, RJ, 1875-1969. Escritora e organizadora de sarau litero-musicais, foi figura importante das letras, principalmente nas décadas de 20 e 30 (...) Em 1925, lançou a revista *A Única*, totalmente editada, escrita e impressa por mulheres, que durou dezesseis números. Seu primeiro livro, *Jardim Secreto*, recebeu menção honrosa da ABL em 1926.<sup>420</sup>

O verbete ainda enumera as obras autorais de Francisca Cordeiro, mas não menciona suas atividades como tradutora, o que é no mínimo curioso, uma vez que ela foi a autora de uma das traduções de maior sucesso editorial em 1939. Esse fato pode representar o pouco

---

<sup>420</sup> Hollanda & Araújo, 1993, p. 114.

prestígio que as atividades tradutórias tinham à época, ainda mais na figura de uma mulher tradutora.

Filha do Barão Rodolfo Smith de Vasconcelos e casada com o procurador do Conde d'Eu, Francisca Cordeiro possuía uma posição social privilegiada. Seu círculo de amizades abrangia intelectuais e artistas de todas as nacionalidades e, certamente, os mais importantes de sua época. A aristocrata sempre esteve envolvida em atividades literárias, tendo sido uma das protagonistas no que diz respeito às intervenções culturais no período mencionado. De acordo com reportagem da revista *Veja*, Francisca Cordeiro era uma sufragista convicta que, ainda na década de 1920, tentou criar o Clube das Mulheres de Letras do Brasil, tentativa que não obteve sucesso.

Sua atividade como editora-proprietária da revista *A Única*, totalmente editada, escrita e impressa por mulheres, conforme vimos, e participação em outros periódicos voltados exclusivamente ao público feminino, como a revista *Walkyrias*, demonstram seu pioneirismo e comportamento de vanguarda. Sua trajetória na literatura brasileira e nos estudos da tradução merece um registro que faça jus a sua importância. Como tradutora, em 1939 ela foi responsável pela tradução de *Gone with the wind...*, publicada pela Editora Irmãos Pongetti, no Rio de Janeiro. Francisca Cordeiro relata sua experiência em traduzir a obra de Margaret Mitchell no artigo que publicou no *Anuario Brasileiro de Literatura* do ano de 1939. Neste, além dos comentários da tradutora sobre a trama do livro, podemos observar que o famoso romance da escritora norte-americana teve o título de *Foi-se com o vento...* antes de se tornar definitivamente *E o vento levou...*<sup>421</sup>

A associação de seu nome à obra de Hemingway surgiu ao encontrarmos uma notícia publicada no “Suplemento” do jornal *O Imparcial*. Atentando à cronologia, observamos que a breve nota circulou em maio de 1941, poucos meses antes de Lobato comentar que estava revisando uma tradução finalizada:

---

<sup>421</sup> Cordeiro, 1939, p. 385-386.

Ernest Hemingway que o público brasileiro já conhece de “Adeus às armas”, está colocando com sua novela “For whom the bell Tolls” na lista dos best-sellers recém-aparecidos nos Estados Unidos. A sra. Francisca de Basto Cordeiro, a tradutora de “... E o vento levou” já tem quase concluída a tradução desse volume cujo título em português será “Por quem os sinos estão batendo”(sic).<sup>422</sup>

Em decorrência dessa evidência, outras começaram a surgir. Laurence Hallewell cita que, em meio ao sucesso literário que *E o vento levou...* alcançou, Francisca Cordeiro foi incumbida pela Editora Irmãos Pongetti da tradução de *For whom the bell tolls*:

Apesar de um catálogo, sem dúvida de bom nível – que incluía Maurois e Dostoiévski – dizia-se que a empresa estava sofrendo pesados prejuízos em seu novo empreendimento. *E o Vento Levou...* acabou sendo sua salvação.(...) O resultado foi que a Pongetti se tornou uma das maiores editoras do país, mesmo que seu nome continuasse a abrigar inúmeras obras sem valor algum, encomendadas a seu departamento gráfico por conta dos autores. Francisca de Basto Cordeiro também traduziu *Por Quem os Sinos Dobram*, obra de Hemingway, que trata da Guerra Civil Espanhola, de 1936-1939 e que também virou filme em Hollywood.<sup>423</sup>

Na imagem a seguir, reprodução da quarta capa da segunda edição de *Brasilidades* (1943), de autoria de Francisca Cordeiro, em meio a suas referências bibliográficas como tradutora, também encontramos o registro da obra *Por quem os sinos dobram*, já com o título definitivo. No entanto, apesar da autoria da tradução ser a ela creditada, a data da publicação é omitida<sup>424</sup>.

---


<sup>422</sup> Cf. Suplemento de *O Imparcial*, 1941, p. 5.

<sup>423</sup> Hallewell, 2012, p. 492.

<sup>424</sup> A imagem elenca a relação das obras publicadas pela autora até aquela data. Em destaque, sua tradução premiada *Jardim secreto* (1925) e as traduções de *E o vento levou...* (1939) e de *Por quem os sinos dobram*, sem a indicação da data.

## ORAS DE

### FRANCISCA DE BASTO CORDEIRO

 Jardim Secreto (Menção Honrosa da Academia Brasileira) — esgotado .....	1925
Alma do meu caminho — contos — esg. ....	1926
O meu unico amor — romance (cpl. com Gastão Penalva) — esg. ....	1927
Brasilidades — (estudos sobre os Indios) — esg. ....	1929
Canções a esmo — poesias — esg. (1.º) 1930, (2.º) ....	1931
Antologia Infantil — para uso primário .....	1934
Poetas e Prosadores — antologia escolar — 1934 .....	1936
China e Índia (1.º fascículo da série “O Despertar da Inteligência”). .....	1943



#### NO PRÉLO :

Palestina e Syria (2.º fascículo de O Despertar da Inteligencia).  
Egypto (3.º fascículo de O Despertar da Inteligencia).

#### A PUBLICAR :

Maldito seja o amor ! — romance.  
The dawn of Humanity — (enciclopedia primitiva).  
Brazilian mysteries: Green Hell & Paradise.  
Vultos que passaram.  
Canções a esmo (3.º edição).

#### TRADUÇÕES PUBLICADAS :

 Atemo Poderoso, de Marie Corelli .....	1923
O Jardineiro, de Rabindranath Tagore .....	1928
...E O VENTO LEVOU, de Margaret Mitchell ....	1939
Ritmos Imortais — poesia arcaica .....	1938
ANTONIO ADVERSE, de Hervey Allen .....	1940
A lei da divina harmonia, de Chase Osborn .....	1940
 Por quem os sinos dobram, de Ern. Hemingway .....	

#### EM PREPARO :

Elas — perfis femininos.  
Moinhos de vento — crônicas.



Emerson Tin, em seu artigo *Monteiro Lobato editor: Jardim secreto de Francisca de Basto Cordeiro (1875-1969)*, menciona uma reportagem de 1993 da revista *Veja* sobre a descoberta de dois álbuns de autógrafos de Francisca Cordeiro e seu conteúdo. A reportagem também credita a ela a tradução:

Francisca Carolina Smith de Vasconcelos de Basto Cordeiro nasceu no Rio de Janeiro em 1875, escreveu 12 livros e traduziu o calhamaço *E o Vento Levou...*, de Margaret Mitchell e *Por Quem os Sinos Dobram*, de Ernest Hemingway. Morreu velhinha, aos 94 anos, em 1969 – pouco depois de lançar seu último livro *Machado de Assis na Intimidade (...)*<sup>425</sup>

Estas são as evidências que possibilitam atribuir a Francisca Cordeiro a provável autoria da tradução que Lobato revisou/retraduziu. Há também evidências sobre os laços profissionais que mantiveram ao longo de suas carreiras.

### 3. Francisca de Basto Cordeiro e Monteiro Lobato

Em 1941, Monteiro Lobato já havia percorrido a maior parte da sua trajetória de vida, acumulando muita experiência nos ramos editorial e literário, além de outras áreas de atuação profissional. Era um intelectual respeitado e, apesar de sofrer tantos revezes na sua vida pessoal e profissional, ainda detinha grande capital cultural. Seu nome em uma capa de livro agregava valor e endossava a qualidade do conteúdo dos livros. Por sua vez, Francisca Cordeiro, apesar de ter sido uma mulher de vanguarda, autora de vários livros, cronista, poeta, tradutora, ativista das causas feministas e precursora de atividades culturais, não possuía o mesmo capital cultural de Lobato, ocupando, assim, um lugar mais periférico do polissistema literário brasileiro. *Jardim secreto* (1925), o primeiro livro publicado por Francisca de Basto Cordeiro, foi editado pela Editora Monteiro Lobato, fato que demonstra a importância de Lobato em sua vida literária.

---

<sup>425</sup> Oliveira & Azevedo, 1993, p. 66-67.

No artigo referenciado anteriormente, Tin revela a trajetória da publicação de *Jardim secreto*, adicionando elementos que reforçam a ligação entre Lobato e Francisca. As descobertas de Tin incluem uma carta de Lobato para Francisca durante a produção do livro. Conforme observa, nessa carta, o Lobato editor direciona o trabalho de Francisca:

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70/ /caixa 2-B S. PAULO] S. Paulo 31.5.923. Sra. Francisca/ Em mãos sua carta ultima. Acho/ que seu livro está com um bom guia,/ que tal é o Oiticica. A Carta de Tolstoi deve sair/ na revista de Junho, e o resto/ que ficou aqui vae. Eu continuo firme na minha/ ideia primitiva: fazer o livro com/ unidade – só de pensamentos. O/ resto ficava para outros livros, mais tarde. Não acha que deve ser assim? Em Junho devo aparecer por / ahi e então conversaremos melhor./ De seu a.<sup>or</sup> e c.<sup>a</sup>. Lobato<sup>426</sup>

Ainda em *Brasilidades*, Lobato deixa seu depoimento sobre a autora:

Lí Brasilidades, e com raro deleite, sempre admirado da soma de erudição que o estudo representa e do apuro do estilo, tão sóbrio, tão discreto e singelo, tão longe da maluquice estilística da moda. Meus parabéns. (...) Não admiraria, portanto, um livro como o seu aqui. Mas entre nós assombra. É livro numero um e imagino a cara dos nossos eruditos ao verem que o monopólio até aqui está quebrado — e da mais galharda maneira. Eu de mim me espanto, tive a honra de conhecê-la pessoalmente, e sempre esperei muito de seu privilegiado espírito — um dos mais elegantes e sutis que encontrei em meu caminho. Monteiro Lobato, 18 de dezembro de 1929.<sup>427</sup>

Em entrevista concedida a Silvio Tamasso D’Onofrio em 2010, Lygia Fagundes Telles relata um encontro que teve com Lobato em que este tece comentários sobre a obra *E o vento levou...* Na transcrição

<sup>426</sup> Tin (Salles & Anastácio, 2018, p. 105-112).

<sup>427</sup> Cordeiro, 1943, p. II.

de trechos da entrevista, podemos observar seu interesse pela obra e o reconhecimento ao trabalho do tradutor, demonstrando saber de quem era a autoria da tradução:

(...) encontrei com o Lobato. Ele ficava muito na vitrine (...) ali na livraria justamente da editora, ficava ali fazendo hora. (...) Entrei, tava lá o Lobato e ele disse: “Ô Lígia, e tal, você mudou o penteado? (...) O que você tem feito?” - e conversou um pouco comigo. (...) Eu agora acabei de assistir pela segunda vez... E o Vento Levou. Aí ele disse: “Você também quer ser Scarlet O’Hara?” Eu disse: Também! (...) Uma observação do Monteiro Lobato, ele disse (...) ele era um grande tradutor, morou muitos anos nos Estados Unidos: “Olha, em inglês esse livro chama-se *Go With the Wind* (sic), seria a tradução exata Indo com o Vento. E ele disse que não conhecia coisa mais maravilhosa que essa tradução *Go with the Wind* (sic). E eu disse, e qual é? — ...E o Vento Levou. Preste atenção, menina — ele sempre dava lições. (...) E o Vento Levou... E o Vento Levou! Maravilha! Quem traduziu isso? Eu disse, não sei... aí ele disse o nome do tradutor e me despedi dele (...)”<sup>428</sup>

Esses elementos constataam a ligação cordial entre os dois. Francisca não era uma estranha, e sim uma conhecida de longa data com quem já havia trabalhado anteriormente e por quem Lobato demonstrava ter bastante admiração.

#### 4. Questões editoriais

Não foi possível encontrar nenhum registro em relação ao que possivelmente tenha acontecido para que a obra de Hemingway aparentemente tenha sido alvo de uma reviravolta editorial “no apagar das luzes”. Entretanto, podemos elaborar algumas hipóteses para que tal fato tenha ocorrido.

Conforme mencionado anteriormente, sabemos que a Editora Irmãos Pongetti atravessava um período conturbado, sempre tentando equilibrar as finanças, e não possuía o mesmo *status* e

---

<sup>428</sup> Telles, 2010. Transcrição nossa.

estabilidade que a Companhia Editora Nacional. Além disso, o nome de Lobato tinha maior representação no polissistema literário brasileiro do que o nome de Francisca Cordeiro. A instabilidade do mercado editorial e a escolha das obras a serem publicadas prevendo um possível retorno financeiro, entre outros elementos, fazem parte de uma equação difícil de resolver, especialmente quando o futuro de uma empresa possa estar em jogo. A historiografia da tradução de *E o vento levou...* é um exemplo claro da instabilidade e imprevisibilidade das atividades editoriais. A obra foi analisada e rejeitada pelas editoras José Olympio, Civilização Brasileira e pela Livraria do Globo. No que se refere a esta recusa, narra Érico Veríssimo:

Quero confessar um de meus maiores erros como orientador literário da Globo. (...) Um dia nosso agente literário americano nos mandou um volume gordíssimo para que o examinássemos com vistas a uma tradução brasileira. (...) No dia seguinte escrevi meu parecer a Henrique Bertaso mais ou menos nesses termos: – O romance gira em torno da Guerra de Secessão dos Estados Unidos. É demasiado volumoso e vai custar-nos muito caro traduzi-lo e publicá-lo. Duvido que nosso público possa interessar-se pelo assunto. (...) Um editor carioca comprou os direitos do romance de Margaret Mitchell e publicou-o no Brasil com o mais retumbante dos sucessos de livraria.<sup>429</sup>

No mesmo capítulo, Veríssimo narra uma conversa que teve com Henrique Bertaso, diretor proprietário da Livraria do Globo, comentando sobre os títulos em que apostaram e foram fracassos comerciais e outros de que pouco esperavam e tiveram um excelente resultado.

Até o momento, não foi encontrado nenhum registro de que essa obra tenha sido efetivamente publicada pela editora Irmãos Pongetti; não há nenhum exemplar e nenhum registro comercial ou editorial concreto. A obra apareceria no mercado brasileiro através da Companhia Editora Nacional em 1941, tendo Monteiro Lobato como tradutor. Esta edição teve vários anúncios circulando por toda

---

<sup>429</sup> Veríssimo, 1973, p. 73-74.

imprensa, inclusive nas publicações em que Francisca era colaboradora.

A editora Irmãos Pongetti, aparentemente, cedeu ou vendeu os direitos de publicação de *Por quem os sinos dobram* para a Companhia Editora Nacional de forma inesperada. O fato de ter anunciado o lançamento da tradução leva a crer que a Pongetti detinha os direitos de publicação, embora não seja possível fazer tal afirmação.

Talvez, em relação à tradução da obra de Hemingway, a Pongetti não pudesse correr tal risco; talvez a oferta da Companhia Editora Nacional tenha suprido alguma necessidade financeira mais imediata. Porém tratamos aqui de hipóteses, não havendo até o presente momento concretude de informações para corroborá-las categoricamente. Contudo, esse episódio tem características atípicas, uma vez que, ao contrário de *E o vento levou...*, a obra de Hemingway parece não ter circulado por várias editoras e obtido recusas. Ao contrário disso, percebemos o empenho e os esforços despendidos pela editora Pongetti para lançamento da obra e o posterior recuo por motivos que desconhecemos.

## 5. Algumas considerações

Percebe-se que a fecundidade editorial do período estudado e a profusão de títulos estrangeiros traduzidos foram, em boa parcela, beneficiados pela postura profissional de Monteiro Lobato, que teve papel importante ao romper os preconceitos literários quanto às atividades tradutórias. Entretanto, também percebemos que a escassez de registros da época deram margem a incertezas quanto à autoria e ao percurso de algumas traduções publicadas no país, originando interpretações que se distanciaram dos fatos. A ausência de uma sistemática em relação à preservação da cultura, como um todo, refletiu-se diretamente na historiografia da tradução brasileira.

A investigação contínua das informações existentes se apresenta como recurso para a construção de uma base mais sólida em prol da arqueologia tradutória brasileira. Neste sentido, a proposição

de Lieven D' Hulst foi especialmente importante para se obter as informações e permitir se chegar a essas conclusões. À medida que propusemos o questionamento sobre **quem, como, por que e de que maneira os processos tradutórios estudados se desenvolveram**, a investigação encontrou condução adequada, mostrando que o nome que historicamente se preservou associado à tradução das duas obras citadas foi o de Monteiro Lobato. Baptista Pereira, mesmo havendo publicado a primeira tradução brasileira de *Kim*, teve seu nome obscurecido e, apesar de encontrarmos registros atribuindo a tradução de *Por quem os sinos dobram* a Francisca Cordeiro, ao que tudo indica, a sua versão não foi publicada. Por esse motivo apresentamos a tradução de Cordeiro como sendo a provável fonte do texto que Monteiro Lobato revisou e excluímos Agrippino Grieco com base na análise dos elementos supracitados.

Os dois álbuns de recortes e autógrafos que pertenceram a Francisca Cordeiro, encontrados em meio a objetos de descarte, são um símbolo duplo: ao mesmo tempo em que sua descoberta, em meio ao lixo, denuncia o descaso com a preservação de nossa memória e cultura, representam também objetos de valor inestimável e possíveis fontes de importantes descobertas para os estudos da história literária e tradutória brasileira.